

## OS TONGAS: CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Norma da Silva LOPES  
(Universidade do Estado da Bahia)  
[nlopes58@gmail.com](mailto:nlopes58@gmail.com)

Alan Norman BAXTER  
(Universidade Federal da Bahia)  
[alannbaxter@gmail.com](mailto:alannbaxter@gmail.com)

### Resumo

Com o objetivo de avaliar a importância dos estudos de comunidades africanas para o entendimento da sócio-história do português brasileiro, este texto faz uma comparação entre resultados de análise de um fenômeno variável, a concordância de gênero, no português dos Tongas, comunidade falada em São Tomé por africanos contratados por portugueses para trabalharem na agricultura, com os achados de Lucchesi (2000), estudando o mesmo fenômeno, em Helvécia, comunidade afro-descendente do sul da Bahia. Os dois estudos revelam que a posição relativa é uma variável linguística fortemente relacionada à escolha da variante pelos falantes. Este texto revela, dessa forma, que há o mesmo condicionamento na variação da concordância de gênero nas duas comunidades, demonstrando que o conhecimento da história e das características linguísticas dos Tongas pode ajudar a entender a especificidade do português brasileiro e, por isso, vale a pena observar comunidades como a referida neste texto.

**Palavras-Chave:** Tongas; Concordância variável de gênero; Helvécia; Sócio-história do português brasileiro; Variável posição relativa.

### 1. Introdução

Tentar reconstituir a sócio-história do Português brasileiro tem sido o foco de estudo de muitos linguistas, preocupados em explicar fenômenos que fazem as diferenças entre o português europeu e o português brasileiro. Um dos caminhos utilizados tem sido a busca de comunidades isoladas do Brasil, que possam documentar traços de épocas pretéritas da variedade brasileira do português, ou o estudo de outras comunidades em que houve aquisição do português como segunda em processo comparável com a formação do português popular brasileiro. Este texto desenvolve argumentação a respeito da importância dos estudos de uma comunidade africana de fala portuguesa, o *português dos Tongas*, para o entendimento da variedade brasileira e para acrescentar dados que contribuam aos estudos da sócio-história do português brasileiro. Este texto apresenta resultados de uma pesquisa realizada no português dos Tongas sobre a variação da concordância de gênero no sintagma nominal e compara os achados com pesquisa semelhante realizada no português brasileiro, com os dados de Helvécia, apresentados por Lucchesi (2000). ). Tem-se, com esse trabalho, a hipótese de que a variação na concordância de gênero ocorra de forma acentuada nos Tongas, ora em

observação, falantes de 2<sup>a</sup>. língua do português. E o objetivo do trabalho é, ao estabelecer um paralelo com a análise de Lucchesi, poder contribuir para o entendimento do fenômeno no português afrobrasileiro e no português brasileiro.

## 2. Os Tongas

O presente trabalho estuda uma variedade de português falada na ilha de São Tomé (na África Central Ocidental): o dialeto dos Tongas, falado por descendentes de africanos contratados nos séculos XIX e XX para trabalharem nas grandes roças de cacau e café.

Em termos das origens dos africanos, das condições de trabalho na roça Monte Café, e do contexto para a aquisição do português, segundo Baxter (2001), existem vários paralelos com os empreendimentos agrícolas brasileiros de início do século XIX. Segundo informações de Baxter (2001), em Monte Café a grande maioria dos africanos era do interior do continente e chegavam sem conhecimentos do português. Na roça, mantiveram as suas próprias línguas e adquiriram o português como segunda língua (L2) através do contato. Ao mesmo tempo, a presença das línguas africanas era sempre mantida e era sempre reformulado o português L2 pela renovação constante da população. O dialeto português dos Tongas divergiu bastante do português dos administradores. Foi só na década de 1950 que as crianças Tongas tiveram pleno acesso à educação, o que levou ao uso de modelos de português mais próximos do português europeu.

## 3. Sobre a História do Português Brasileiro

Há quem se refira a um falar crioulo, ou dialeto crioulo (CÂMARA Jr, 1975; HOUAISS, 1985) ou simplesmente um crioulo (GUY, 1981) na história do português do Brasil. Entre os autores, há mais divergências na forma de entenderem o crioulo do que a respeito das influências dos africanos ou indígenas no português do Brasil. A existência desse crioulo é a explicação que alguns deles dão para um português diferenciado no Brasil.

Desde Coelho (1967), em fins do século XIX, colocou-se a variedade do português do Brasil em meio a diversos falares crioulos do português. A variação da concordância nominal foi referida por Guy (1981) para justificar a aproximação que fez. Dentro dessa visão, Silva Neto (1976, p. 36) considera que existiam muitas semelhanças entre o português dos índios e negros, na época da colonização do Brasil, e diz que a razão da proximidade se justifica pelo tipo de contato que eles tiveram com o português: “aprenderam o português como língua de emergência, obrigados pela necessidade.” Ele observa que muitos africanos que foram transplantados para o Brasil já trouxeram um crioulo-português, oriundo das costas da África.<sup>1</sup>

Essa idéia é pautada, segundo ele mesmo diz, nas características do próprio português do Brasil e de línguas crioulas: “... rigorosa observação dos nossos falares rurais, aliada ao estudo comparado, das adaptações do português feitas na África e na Ásia, levar-nos-ia à aceitação de um estado linguístico paralelo no Brasil-Colônia.” (SILVA NETO, 1976, p. 48).

---

<sup>1</sup> Por crioulo ou semicrioulo ele entende que é “... uma adaptação do português no uso de mestiços, aborígenes e negros. Caracterizava-se, como em geral esse tipo de linguajares, pela extrema simplificação de formas, e, talvez nos primeiros anos, algum traço linguístico devido a fenômenos de *interferência* de outra língua.” (SILVA NETO, 1976, p. 48).

O “grau” desse falar crioulo varia, dependendo do grau de imersão na cultura européia da região em que o português é falado e do percentual de brancos em relação aos índios, negros e mestiços. A fala dos “matutos ou caipiras”, segundo o autor, hoje no Brasil, apresenta vestígios desse crioulo. Diante das interpenetrações entre as populações rurais e urbanas, nas cidades, há marcas desse falar nos iletrados ou em pessoas de pouca escolarização. Como é a escola, na sua opinião, que promove o “reaportuguesamento”, ele é mais intenso nas cidades. Um dos vestígios apontado desse crioulo é o “desaparecimento da flexão numérica por meio de *-s/*: *os livro, as mesa*” (p. 135).

Sobre esse assunto, e concordando com essa mesma idéia, Houaiss (1985, p. 119) acrescenta que a existência de um falar “tipo crioulozante” é indiscutível. São algumas das características “pan-brasileiras” do português, que ele considera de uso quase geral nos iletrados, apresentadas no seu texto, como indícios desse crioulo: o desaparecimento do *r* final; a presença de marca de plural no sintagma uma única vez, eliminando a redundância; a “instabilização” do *-l/* final; a redução dos ditongos *ou* e *ei*, dentre outras. Ele diz que os crioulos sempre tendem à redução das redundâncias.<sup>2</sup>

Na atualidade, os linguistas entendem o crioulo como uma língua resultante de simplificação e fazem uma distinção entre *pidgins*<sup>3</sup> e crioulos. Enquanto os *pidgins* “são sistemas linguísticos reduzidos, sem falantes nativos, usados em contextos funcionalmente restritos de comunicação interétnica”, o crioulo “é uma variedade mais complexa, ‘*full fledged*’, funcionalmente irrestrita”. De Graff (1999, p. 3)<sup>4</sup>.

Os estudiosos relacionam o crioulo a um processo de invasão e escravização, envolvendo uma língua européia, sempre a língua alvo, e línguas diversas das populações dominadas, que se tornam substrato da formada. A língua do dominador, nessa situação, é considerada alvo porque o objetivo do escravizado é aproximar-se dela. Para a existência dessa língua, é preciso que algumas condições sejam satisfeitas, dentre elas, segundo Bickerton (1988), que o número de não-europeus, em determinado momento, seja superior ao de europeus. A extensão de tempo entre o início do contato entre as línguas e esse momento define a maior ou menor “diluição” da língua alvo nessas línguas. Quanto mais se retardar esse momento, mais traços da língua alvo o crioulo terá.

Considera-se a possibilidade de aqui terem existido processos de criouloização no Brasil porque este país viveu durante muitos séculos a situação de escravidão, apesar de o “evento” não ter ocorrido no país como um todo, mas em apenas alguns pontos isolados. Sabe-se que, para que um crioulo se forme, é preciso que não haja um outro sistema linguístico em comum e essa parece ter sido a situação vivida no Brasil (mas não nos centros urbanos) e na maior parte das concentrações de escravos no mundo, formadas por falantes de diversas origens e

<sup>2</sup> “Por seu isolamento e por suas limitações de necessidades físicas e mentais, os crioulos tenderam sempre à eliminação das chamadas redundâncias do sistema linguageiro de origem. Idealmente é como se examinassem a frase ‘os meninos precisam ter dois pães’ e chegassem às seguintes conclusões: ‘os meninos’ é redundante, basta ‘os menino’ (pois o plural continua aí marcado mais economicamente); ‘os menino precisam’ é ainda redundante, basta ‘os menino precisa’ (pois o plural continua aí marcado mais e mais economicamente)...” (HOUAISS, 1985, 116).

<sup>3</sup> Assim como em Lucchesi & Baxter (no prelo), o termo *pidgin*, utilizado neste trabalho, tem o mesmo valor de *interlíngua*, referindo-se a uma segunda língua em processo de formação. Diferenças que se podem identificar dizem respeito a aspectos exteriores ao contexto estrutural.

<sup>4</sup> “According to standard definitions, (early) pidgins (and jargons) are elementary reduced, simplified systems, without native speakers, and used in functionally restrict contexts of interethnic communication. (...) [creole] is a more complex, ‘*full fledged*’, and functionally unrestricted variety.”

utilizando línguas diferentes. Esses dados é que levam os pesquisadores à suposição da crioulização prévia no português do Brasil.

Foram diversos os estudos que já foram feitos sobre fenômenos variáveis no português brasileiro que parecem fazer distinguir essa variedade da europeia dentre eles, certamente, o mais estudado foi a variação na marcação de plural no sintagma nominal, nas mais diversas regiões do país. Scherre (1989), Carvalho (1997), Lopes (2001) são apenas alguns deles. Em todos, seguindo os passos de Scherre (1989), foram consideradas as variáveis classe e posição (e posição relativa) dos elementos nucleares e não nucleares do sintagma nominal, saliência fônica e marcas nos elementos precedentes. Lopes (2001) salientou que, além da posição, a adjacência ao nome é um forte favorecedor da presença de marcas em elementos não nucleares do sintagma.

#### 4. O gênero no português

Segundo Rocha (1999, p. 211), o gênero dos nomes é indicado através de expediente sintático, em quase sua totalidade. Câmara Jr. (2004[1970]) adverte que todos os nomes têm gênero, mas bem poucos fazem referência à sexo, por somente poucos se referirem a animais sexuais, daí o gênero ter sido alvo de uma ‘incompreensão semântica de sua natureza’. Mesmo considerando apenas esses poucos seres sexuais, ainda há ‘desencontros’: vítima, por exemplo, (é feminino, mas pode ser homem ou mulher), criança (pode ser um ser do sexo masculino ou feminino), cobra (pode ser um animal macho ou fêmea).

Câmara Jr. (2004) diz que o gênero é uma distribuição em classes mórficas, para os nomes, assim como são as conjunções, para os verbos. Concordando com Câmara Jr., Lucchesi diz, quanto ao gênero e ao número:

As categorias gramaticais de número e gênero associam-se, no plano semântico-lexical, essencialmente ao nome<sup>5</sup> e se estendem, no plano sintático, através do mecanismo da concordância, aos termos que lhe determinam o sentido: o artigo, o adjetivo, o pronome e o numeral. Em um Sintagma como *as mais belas garotas*, os traços semânticos [-macho, -singular] se referem ao nome *garoto*, mas a sua expressão mórfica se estende a todos os constituintes flexionáveis<sup>6</sup> do Sintagma Nominal. Através do mecanismo da concordância, os artigos, adjetivos, pronomes e numerais se flexionam em conformidade com o gênero e o número do nome a que se referem. (LUCCHESI, 1999)

Deve-se considerar, ainda, a arbitrariedade do gênero entre as línguas, a exemplo de: a caneta, português, *le stylo*, francês. Apesar da arbitrariedade, não é comum nem, portanto, frequente, a variação na concordância de gênero entre falantes nativos a não ser entre crianças; isso é apenas comum entre falantes de 2ª. língua (L2).

---

<sup>5</sup>De acordo com a moderna teoria da gramática, utiliza (Lucchesi) a designação de “nome” pela designação “substantivo” ou “nome substantivo”, utilizadas nas análises tradicionais.

<sup>6</sup> Lanço mão dos neologismos “*flexionável*” ou “*inflexionável*” em gênero, ao invés das expressões tradicionais “*variável*, ou *invariável em gênero*”, com o intuito de evocar o processo morfológico da flexão, do qual efetivamente está se tratando aqui, pois entendo que a expressão tradicional evoca impropriamente o processo da variação.

## 5. Metodologia

O estudo aqui relatado é uma proposta de análise do gênero com uma metodologia sociolinguística, utilizando-se *corpus* gravado e transcrito grafematicamente. Observou-se a fala de dezoito falantes distribuídos em três faixas etárias, dois gêneros.

O fato em observação consiste na busca do entendimento das razões da falta de marca de gênero em alguns contextos e na presença em outros; em suma, na busca de encontrar o mecanismo interno de funcionamento da língua, que controla esse sistema:

- a.êre é UMA COESA que um só, bocê ataca uma pesoa
- b. Memo trabaia NA EMPRESA.
- c.Cu COBRA PRETO?

Nos dos primeiros dados, a concordância foi feita; no dado 3, não houve concordância. Alguns dados dentre os observados foram descartados, por darem margem à dupla interpretação ou por não serem claros ou por possibilitarem mais de um gênero. Os seguintes, e outros como eles, foram considerados sem concordância, por utilizarem o gênero neutro ao invés do gênero devido pelo contexto (feminino)

- d. Quê doente ISSOS COESA de febré, issos coesa assi.
- e. tê mase puruque TUDO ISTÓRIA já eu contô.

Somente quatro variáveis independentes estão aqui sendo observadas:

- (i) gênero do falante – masculino, feminino;
- (ii) faixas etárias: 1 , 2, 3;
- (iii) posição relativa do elemento não nuclear do SN: A, B, D, E,
- (iv) classe gramatical

## 5. Resultados

### 5.1 A variável gênero

A variável *gênero* do falante (masculino ou feminino) não foi selecionada pelo programa de regras variáveis, utilizado para as análises estatísticas. Foi a única variável não selecionada, o que indica que a análise não considerou que o fato de ser homem ou mulher se constitui em fator importante na escolha da variante a ser utilizada no fenômeno da concordância de gênero: homens ou mulheres escolhem indiferentemente do seu gênero fazer ou não a concordância. Em percentuais, os homens têm 84% de concordância contra 85% das mulheres.

## 5.2 A variável faixa etária

Apesar disso, o estudo da faixa etária apresenta um quadro surpreendente: a cada geração, os Tongas adquirem visivelmente a concordância de gênero. A tabela a seguir apresenta detalhes dos resultados encontrados.

	F1	F2	F3	Total
Conc/Total	1909/1976 97%	976/1170 83%	630/995 63%	3506/4141
Peso Relativo	.76	.35	.17	85%

Tabela 1: Variação de Gênero nos TONGAS e FAIXA ETÁRIA

A análise revela um forte perfil aquisicional, que pode ser visto facilmente pelo gráfico 1.



O estudo da variável faixa etária em comunidades falantes que adquiriram a língua a partir de modelos L2 revela que o status dos falantes mais jovens na 3ª geração se distancia bastante dos mais velhos. Os resultados em Helvécia demonstram um status aquisicional próximo a esse, tanto na análise mórfica, quanto na sintagmática<sup>7</sup>. O quadro apresentado deixa entrever que a variedade dos Tongas, quando adquiriu o português como L2, usou muito pouca marca de gênero, que foi, pouco a pouco, adquirida, por força da escolarização e do contato com a língua alvo, em um processo semelhante ao da descrioulização.

## 5.3 A variável classe gramatical nos Tongas

A observação inicial das classes de palavras fez acreditar que os adjetivos e possessivos favoreciam a marcação de gênero sobre as demais classes, com um peso relativo bem superior

<sup>7</sup> Neste trabalho faz-se apenas análise mórfica da concordância de gênero, ou seja, a presença do morfema de gênero feminino em cada elemento do sintagma e não no sintagma como um todo.

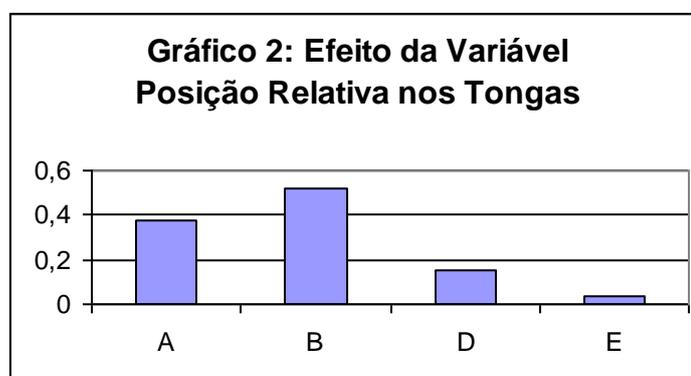
(.73 e .72, respectivamente), contra pesos bem menores dos modificadores, quantificadores e dos determinantes.

Adjetivo	209/226	92%	.73
Possessivo	454/481	94%	.72
Modificador	410/481	85%	.32
Quantificador	97/121	80%	.30
Determinante sem Locativo	2390/2638	91%	.48
Determinante com Locativo	2390/2638	96%	.39

Tabela 2: Variável Classe Gramatical e a Concordância de Gênero - Tongas

#### 5.4 Análise da variável posição relativa

Quadro 1 - VARIÁVEL POSIÇÃO RELATIVA- EXEMPLOS
Posição A - mas NA nossa artura, é nós quando sê tem sete ano
Posição B – ere faz ismpuma, ESSE espuma é azeite
Posição D – isso metade ficô isso metade SORTO
Posição E – Mil vezes aqui é uma zona mais FRESCA que tem, zona mais alta.

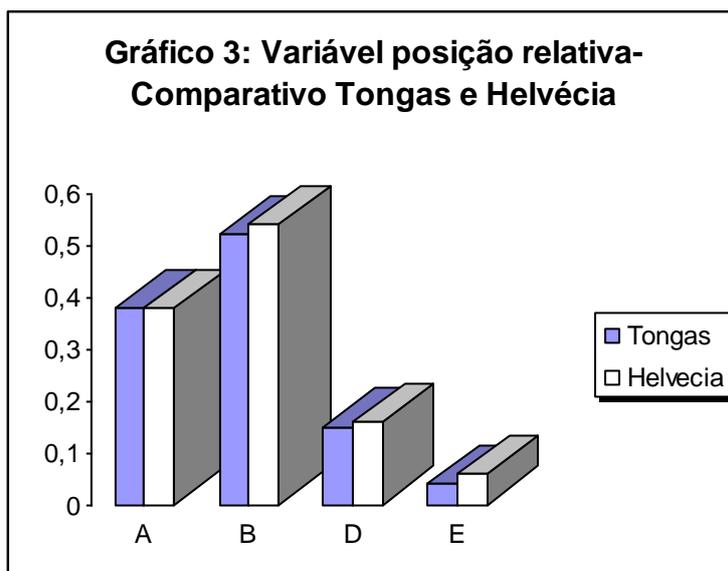


Lopes (2005) tomou como base a teoria dos 4M para entender a interferência dessa variável na variação do uso do morfema de plural na concordância de número no Sintagma Nominal. A autora diz que, “apesar de reconhecer que a posição à esquerda é altamente favorecedora, não se pode deixar de observar que é em situação de mais distância do elemento nuclear que os elementos deixam de ser marcados” (p. 75).

Segundo a autora esse favorecimento ou desfavorecimento se dá devido à ordem de aquisição dos morfemas: os primeiros a serem adquiridos na língua, segundo a teoria dos 4M, são os morfemas de conteúdo e os morfemas gramaticais precoces, aí envolvidos artigos e alguns outros que vão atrelados ao nome nessa fase, (LOPES, 2005, considerou que a definitude, acompanhada do número, também se insere nessa fase: OS meninos). Esses morfemas são os mais difíceis de sofrerem qualquer tipo de variação em qualquer língua. Dessa forma, a posição mais favorecedora é a esquerda adjacente ao núcleo, tanto para a concordância de número como a de gênero. Este trabalho considera que o mesmo se dá com o gênero: os elementos à esquerda adjacente ao núcleo são mais favorecedores da marcação de feminino que os não adjacentes, o que pode ser explicado pelo mesmo argumento utilizado, pois normalmente o elemento que marca o gênero é o mesmo que marca a definitude (o artigo); e esse elemento, segundo a teoria dos 4M, seria um morfema precoce (*early morpheme*), adquirido conjuntamente com os morfemas de conteúdo, daí a dificuldade da variação na concordância de gênero e número nessa posição.

Posições	TONGAS %	P.R.	HELVÉCIA	
Esquerda não adjacente (A)	175/194 90%	.38	94%	.38
Esquerda adjacente (B)	3355/3702 91%	.52	97%	.54
Direita imediata (D)	110/133 83%	.15	79%	.16
Direita não imediata (E)	6/9 67%	.04	62%	.06

Tabela 3: Efeito da Posição Relativa na Concordância de Gênero nos Tongas e em Helvécia



Ao fazer um cruzamento entre classe gramatical e posição relativa, muita coisa ficou esclarecida: adjetivo e possessivo são favorecedores, sim, é verdade, mas apenas em posição à esquerda adjacente ao núcleo, assim como qualquer outro elemento não nuclear. Qualquer um deles, se ocupar a posição A (esquerda não adjacente), reduz significativamente o favorecimento, isso ocorre com muito mais força se for para a posição D. Não se pôde analisar a posição E diante dos knockouts (zero). Esse resultado indicou que não é a classe o que importa realmente, mas a posição relativa, para a variação da Concordância de Gênero.

### 5.5 Análise Contrastiva Classe X Posição Relativa

Classes	Posição A		Posição B		Posição D	
	Freq. (%)	Índice	Freq. (%)	Índice	Freq. (%)	Índice
Adjetivo	17/20 85%	.17	107/111 96%	.75	85/95 89%	.35
Possessivo	8/9 89%	.38	445/471 94%	.74	0%	
Quantificador	19/21 90%	.22	69/78 88%	.41	9/22 41%	.03
Modificador	23/27 85%	.19	374/441 85%	.33	0%	
Determinante sem locativo	2390/2638 91%	.50	100%			
Determinante com locativo	101/105 96%	.41	100%			

Tabela 4 Cruzamento Classe Gramatical X Posição Relativa e Concordância de Gênero

## 6. Palavras finais

O estudo feito nos dados dos Tongas identifica um fenômeno variável comum nas línguas em que ocorreu a criouliização, mas curiosamente também presente em Helvécia, na Bahia, como se observou, seguindo as mesmas regras, a variação da concordância de gênero no português.

Nas duas variedades, atestou-se que as comunidades estão em fase de aquisição do fenômeno, ou seja, existe a tendência a reduzir a variação, pois os mais jovens realizam mais a forma padrão mais que os mais velhos.

Pelo estudo feito, a variável linguística que mais fortemente está relacionada ao favorecimento da concordância de gênero é a posição relativa. Os dados mostraram que é a posição a esquerda ao núcleo que favorece. E o seu favorecimento é muito maior quando o elemento é adjacente ao núcleo. A questão da adjacência tem relação com questões de ordem de aquisição das formas. De acordo com a teoria dos 4M, alguns morfemas gramaticais são adquiridos conjuntamente com morfemas de conteúdo. Neste trabalho, considera-se que morfemas de gênero em posição à esquerda adjacente são adquiridos nesse momento, conjuntamente com os artigos, e por isso não sofrem variação.

A análise contrastiva que se apresenta nesse texto revela que é importante observar as variedades do português de comunidades com perfil histórico com alguma semelhança para entender a formação da especificidade do português brasileiro, e as motivações de sua diferenciação em relação ao português europeu. Os resultados aqui apresentados mostram muita semelhança linguística, em termos das restrições da variação da concordância de gênero entre as comunidades africana e brasileira, deixando entrever que, na base do português popular brasileiro, estão envolvidas influências semelhantes no tipo de aquisição do português a que as populações tiveram acesso.

## REFERÊNCIAS

- BAXTER, A. N. 2004. "The development of variable NP plural agreement in a restructured African variety of Portuguese." In G. Escure & A. Schwegler (eds.) *Creoles, Contact and Language change: Linguistics and social implications*. Amsterdam: John Benjamins, pp.97-126.
- BICKERTON, Derek. (1988). *Creole languages and the bioprogram*. Linguistics: The Cambridge survey. Cambridge: Cambridge University Press.
- CÂMARA JR. Joaquim Mattoso (1975). *Línguas européias de ultramar: o português do Brasil*. In: \_\_\_\_\_. *Dispersos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso (2004[1970]). *Estrutura da língua portuguesa*. 36ª. ed. Petrópolis: Vozes.
- CARVALHO, Hebe Macedo de (1997). *Concordância nominal: uma análise variacionista*. João Pessoa: UFPB. Mimeo. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa.
- COELHO, F. Adolfo (1967). *Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América*. In. *Estudos linguísticos crioulos*. Reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa.

- DeGRAFF, Michel (1999). Creolization, language change and language acquisition: a prolegomenon. In DE GRAFF, Michel (ed.). Language creation and language change: creolization, diachrony, and developpement. Cambridge: The MIT Press.
- GUY, Gregory R (1981). Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history. Philadelphia: University of Pennsylvania,. 391 p. mimeo. Ph.D. Dissertation on Linguistics.
- HOUAISS, Antônio. (1985) O português do Brasil. Rio de Janeiro: Unibrade.
- LOPES, Norma da Silva . (2005) Aquisição da concordância no português: uma explicação com base na teoria dos 4M. Papia. N. 15 Atas do III Encontro da ABECS.
- LOPES, Norma da Silva. (2001) Concordância nominal, contexto linguístico e sociedade. Salvador: UFBA. Tese de Doutorado.
- LUCCHESI, Dante (1999). A variação da concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, Tese de Doutorado.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis (1999). Estruturas Morfológicas do português. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira (1989). Reanálise da concordância nominal em português. Rio de Janeiro: UFRJ, Tese de Doutorado.
- SILVA NETO, Serafim da (1976). Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil. 3a ed. Rio de Janeiro: Presença.